

## **Entrevista com a professora Odette Carvalho de Lima Seabra \***

**Geosul:** Estamos aqui reunidos no dia 25 de abril de 2005, no Departamento de Geociências da UFSC para fazer a entrevista com a professora Odette Seabra. Iniciamos a entrevista pedindo para falar um pouco sobre sua vida, onde nasceu, seus primeiros anos ...

**Profa. Odette:** Sem nenhuma pretensão quero dizer inicialmente que não me chamo Odette Seabra, meu nome é Odette Carvalho de Lima Seabra. Casei-me com 30 anos e então ganhei um nome a mais, não perdi os que já tinha. Perdoem esta observação, mas é muito importante para mim porque me casei com uma pessoa com certo conhecimento dentro da Geografia, que é nossa área de militância. Quero apenas fazer notar que agreguei um atributo, mas sem perder os meus de origem. É uma observação feminista, desculpem, mas tem que ser feita. Com relação a esses aspectos de minha vida pessoal, sou paulistana, nasci em um bairro que não era central, nem da elite, como eram aqueles bairros que a Companhia City fez nos loteamentos para os quais programou uma ocupação por cem anos. Nasci e vive, até uma certa época, em uma pequena localidade com certa centralidade e isso me permitiu desfrutar das condições de confluência de um movimento importante da vida cotidiana em uma área bastante ampla da cidade de São Paulo. Creio que por isso tenha desenvolvido uma certa facilidade de comunicação. Nunca tive uma vida muito isolada. Desta localidade muitos moradores, dentre os quais contavam-se numerosos imigrantes, dirigiam-se para trabalhar tanto na cidade como em outros bairros, nos mais diversos ofícios. Minha mãe, também

---

\* Professora Doutora Livre-Docente do Depto de Geografia da USP. Entrevista realizada no Departamento de Geociências – CFH/UFSC, com a participação dos professores Leila Cristina Duarte Dias, Ewerton Vieira Machado e Maria Dolores Buss.

imigrante e espanhola, foi ali morar à beira do rio Tietê, nessa pequena localidade onde nasci e que hoje está inserida na zona norte de São Paulo. Dizem que as pessoas estudam muito aquilo que tem a ver com a vida delas. Não tenho tanta certeza que assim seja, mas pode até ser que o gosto cultivado no estudo dos bairros de São Paulo derive disso. A Geografia guarda, na expressão dos mestres clássicos, a afirmação de que para ser universal basta estudar a sua aldeia. Interessante, não?

Cheguei a uma conclusão que, aliás, tenho sustentado: São Paulo foi uma cidade de bairros. A centralidade da cidade era muito forte sem, contudo, impedir que houvesse relações horizontais entre os seus bairros. Nesse estudo descobri que a primeira grande festa do povo fora da perspectiva da Igreja foi o futebol. No Rio de Janeiro podem ter sido escolas de samba, em São Paulo foi o futebol de várzea, de bairro. A minha vida foi muito simples, mas muito rica. Nunca faltou com quem conversar; sinto-me nostálgica e parece que foi uma festa. Este sentimento é traiçoeiro. É lógico que foi uma festa, mas foi também a não festa. O perigo da nostalgia está no fato de que ela nos transporta para um período de juventude então a saudade vai colorindo as lembranças de modo a revesti-las de uma positividade que necessariamente pode não ter existido.

No percurso que interessa mais a formação, posso dizer, tive algumas sortes na vida. Uma delas foi que o bispo de São Paulo decidiu convocar uma organização religiosa para fazer um colégio católico ali onde eu morava, quando a Igreja já percebia o perigo que corria de não acompanhar a urbanização de São Paulo. Ela não conseguia estruturar as paróquias a medida que os bairros se formavam, o processo de urbanização corria numa progressão geométrica a medida que as terras de uso rural, do entorno da cidade, começavam ter usos urbanos. Em 1943 ou 1944 o Arcebispo de São Paulo, premido por estas circunstâncias e com esta consciência, conseguiu criar vários colégios católicos, um deles foi, como disse, onde eu morava. Então minha iniciação escolar foi neste colégio com freiras que vieram da França. Entrei para o colégio com seis ou sete anos de idade.

A presença da elite católica paulistana se fazia chegar nas localidades do entorno através, inclusive, dos colégios que ela mantinha. Era uma vida enraizada como teve toda São Paulo, muito interessante. A metropolização, explicada pela generalização dos mercados, consumiu a *cidade de bairros* que acabou! Dela resulta as representações sociais que vagam nas lembranças e na memória histórica muitas das quais expressas nos monumentos da cidade. São Paulo é hoje, como conjunto, uma grande periferia. A administração pública, agora, programando as parcerias público privado corre atrás do prejuízo através dessa fórmula em si bizarra. Nestes termos é que são programadas as intervenções no espaço urbano. Mas disto resultará, na melhor das hipóteses, um espaço concebido, ou seja, um urbano *artefato*. Pude viver e experimentar esse processo que agora ganha um lugar de discussão e debate no *corpus* normativo da nossa disciplina. Foi assim que, refletindo sobre o conjunto dos processos que interessam a metropolização de São Paulo, escrevi um trabalho que aborda a urbanização e fragmentação como fenômenos correlatos e como dimensão singular de um único processo que urbaniza a sociedade inteira.

Quanto a minha família, minha mãe era imigrante e, logicamente, era filha de imigrantes. Eles vieram da Espanha, de La Corunha, Galizia. Meu pai era brasileiro, vindo do interior para São Paulo. Era um oficial artesão vindo de Franca que fazia sapatos por encomenda tirando medida dos pés dos fregueses. Meus avós saíram da Espanha e foram com seus quatro filhos para Argentina. Lá empobreceram. Consumiram o que levaram e sete anos depois emigraram chegando a São Paulo para trabalhar nas fazendas de café. Quando já estavam instalados em São Paulo, voltando das fazendas, a minha avó logo morreu com a gripe espanhola e minha mãe, que era a mais velha, ficou com todos os irmãos que eram pequenininhos. Em seguida meu avô enlouqueceu, dizia ela, porque não agüentou a dor dessa migração; minha mãe, aos 16 anos, ficou sozinha com todos os irmãos. Foi, então, operária trabalhando numa fábrica na Barra Funda. Lá tinha uma grande fábrica na qual o primeiro estatístico de São Paulo (Bandeira

Junior) constatou que dois terços dos trabalhadores, no começo do século, era de estrangeiros. Era a Fábrica de Cordas e Barbantes. Minha mãe tinha uma força que parecia mesmo descender dos visigodos. Força física e interna. Ela gostava de contar que certa vez chamou o chefe e disse-lhe que ganhava menos do que os homens que trabalhavam com ela. A partir daquele dia ela começou a ganhar como eles. A vida operária dela expropriou-lhe os talentos com os quais se vive o dia-a-dia, no ambiente doméstico. Tudo ela teve que apreender em função das necessidades de criar os filhos. Ela contava que meus avós foram morar numa chácara, de gente da cidade, nas proximidades do rio Tietê. Que em poucos meses estava tudo plantado, que os seus pais faziam lingüiça com os porcos que criavam e guardavam-nas misturadas na banha para ter alimento durante todo ano. Mas falava também que ela não sabia fazer nada disso. Já sabemos que uma vida operária é uma vida de trabalho exclusivo.

Considero sorte ter podido desfrutar daquela convivência e por isso ter podido viver a infância sem traumas, embora tenha ficado órfã aos seis anos de idade. Tive uma infância boa que, de um ponto de vista pessoal, creio, foi muito importante para o que veio depois.

**Geosul:** Até quando ficou neste bairro?

**Profa. Odette:** Até os 30 anos. Até quando me tornei Seabra.

**Geosul:** Aí já havia seu envolvimento com a Geografia?

**Profa. Odette:** Não. A escola secundária já fiz em um outro bairro, lá entrei em contato e conheci outras pessoas. Era no Bom Retiro o meu Ginásio e nessa época já tinha mais idade. Na escola havia representantes da colônia dos judeus de São Paulo e dos italianos. Principalmente as minhas colegas judias eram pessoas preparadas, bonitas, bem vestidas; tinha até uma colega que era pianista. Esse convívio foi muito enriquecedor. Por outro lado os italianos eram muito mais simples. Nesta escola pública todos os meus professores tinham saído da Faculdade de Filosofia, Ciências e

Letras; os encontrei, muito depois, lá nos murais de retratos da Faculdade. Outra vez eu tive muita sorte, não só pelo meio social, mas por estes professores. Vejam, tive sempre a mesma professora de francês e ela era muito empenhada. Agora, por que a Geografia? Para mim a Geografia era o caminho de descobrir o mundo, além de muito agradável. Tive um professor no ginásio que estimulava o conhecimento através da Geografia, ele era muito conhecido entre os professores de São Paulo: o Professor Alberto Chammas. E note-se que o conhecimento do mundo através da Geografia era muitíssimo interessante naquela época que era muito mais difícil viajar.

Na época em que fui fazer faculdade, já tinha que trabalhar. E prestei vestibular para Geografia porque tinha certeza que iria entrar e poder continuar trabalhando. Também tinha os meus tios, irmãos da minha mãe, que eram pessoas muito interessantes com as quais convivia. Eram operários esclarecidos envolvidos com a luta política de sua(s) época. Ambos começaram trabalhar muito crianças um com oito anos de idade e o outro com um pouco mais. Nunca foram à escola. Trabalhavam naqueles turnos de fábrica. Eles sabiam muita coisa. Desde história universal até sobre as plantas. Era um mundo muito diferente e eles tiveram um processo de preparação que a política permitia. Foram militantes a vida toda, tinham uma relação diferente com as coisas e isso constituía parte do mundo no qual vivíamos. O velho militante operário não era militante por acaso. Para ter uma idéia, vez por outra um deles era despedido no trabalho. Enquanto um trabalhava, o outro estava preso.

Então, ir para a universidade não era para encaminhar ou resolver problemas profissionais porque até já trabalhava. Era para continuar estudando, nisso estava a seiva. Mesmo porque era esse o caminho para participar do movimento político cultural centrado em São Paulo que tinha a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras por centro.

O projeto de criação da Faculdade nos anos trinta atingira maturidade nos anos sessenta e isso ficava evidente na expressão

pública dos professores e alunos, os quais atuavam em muitas frentes. Mas acabei gostando demais de Geografia e mais uma vez tive sorte pelas pessoas que conheci. Logo de início conheci o professor Pasquale Petrone, uma pessoa notável; de muita abertura e de muito conhecimento. Era um geógrafo- historiador.

**Geosul:** E quando foi isto?

**Profa. Odette:** Foi logo depois do golpe. Essa conjuntura política da ditadura exigia um posicionamento dos indivíduos, pois você era premido pelas circunstâncias a ter uma opinião. Quantas vezes os nossos professores estavam na televisão brigando, dando opiniões e até correndo da polícia! O tempo inteiro foi bem difícil. E as pessoas sentiam-se comprometidas com a situação crítica posta para a sociedade brasileira. A minha geração viveu isto de dia e de noite. Neste período não tem nada no meu currículo, é página em branco. Lembro de ter feito normalmente as matrículas em 1968 e 1969, mas não consegui fazer nada que pudesse ser registrado. As respostas urgentes eram outras. Os militares tiravam estudantes da sala de aula. Esses episódios existiam todos os dias até que culminou com aquele trágico evento na rua Maria Antonia. Quando entrei na Universidade a Geografia funcionava na cidade universitária que era completamente vazia. Alguns cursos ainda funcionavam na cidade, tanto que fiz Geologia lá na Alameda Glete e fiz também alguns cursos na Maria Antonia. Mas quando chega 68 teve este movimento difícil que apareceu para a sociedade como uma luta entre o Mackenzie e a Maria Antonia, mas que, na verdade, era uma afirmação da direita confrontando-se com a esquerda; situação pela qual estavam sendo contrapostos projetos políticos implicados em diferentes concepções de mundo. Havia muitas outras coisas por trás. As manifestações de 68 e o fato de jogar pedra no edifício do Estadão, que, aliás, compunha o quadro ritual das práticas, tinha muito mais de um significado, colocava muitas questões. Perguntei-me muito sobre isso. No fundo, creio, significava declarar à elite paulistana, esta que havia criado a Universidade, que o seu projeto estava exaurido.

A nossa manifestação pública contra a cátedra queria dar visibilidade a necessidade de democratização da instituição. Acontece que enquanto nós queríamos maior abertura e critérios democráticos, a direita se organizava e ganhava posição, processo que levou a aposentadoria compulsória de um amplo conjunto de professores. Mas a luta continuava. A direita se organizou no CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e outras organizações de extrema direita, e a esquerda e a extrema esquerda também se organizaram. Foi nesse contexto que ocorreu aquele bombardeio na Maria Antonia que matou um estudante em nome do que acabou sendo interditado o prédio da nossa Faculdade para uso. Nunca mais nenhum curso da Faculdade de Filosofia foi ministrado na Maria Antonia.

Essa fase foi muito difícil para se viver, mas em compensação, de um enriquecimento extraordinário porque havia uma perspectiva de emancipação popular sob o signo da industrialização, fundada no papel social e político que, ilusoriamente ou não, era atribuído ao operariado urbano ao qual os estudantes pensavam poder juntar-se. Ninguém passa ileso por um processo de tal natureza.

**Geosul:** Em relação a esse momento como se dá a circulação das idéias? Porque neste mesmo período eclode em 68 na França, também em Berkeley nos Estados Unidos, na Alemanha, estava tudo explodindo.

**Profa. Odette:** Segundo o meu ponto de vista esse encontro da esquerda com as posições mais progressistas e a direita com as posições mais reacionárias que quer manter a qualquer custo as estruturas e as instituições vigentes, corresponde a um perfil que é a natureza da sociedade local, mas integrando algo que a transcende e que vem de mais longe. Na década de 20 os partidos comunistas se organizaram no mundo e expressavam a convergência, a força da utopia socialista no plano científico e político. A hegemonia do Partido Comunista Russo se exercia nas democracias ocidentais organizando uma perspectiva crítica em relação às sociedades locais e ao imperialismo. Isto não é discurso,

correspondia à práticas concretas. Essa organização partidária é doutrinária, portanto tem um fundamento de valores, mas ela é, sobretudo, política porque propõe estratégias.

Foi assim que em função de *o que fazer*, no bojo de uma grande efervescência que os grupos políticos multiplicaram-se e as concepções de luta também. A utopia era a transformação da sociedade e do capitalismo. Isto em escala internacional. De modo que havia um potencial crítico em relação ao capitalismo enquanto formação social que estava acumulado e cuja origem está nas lutas operárias em todo mundo.

Entre nós, desde a década de 60, ou melhor, desde o pós-guerra, essa perspectiva, pode-se dizer de esquerda, foi sendo contraposta à crescente presença dos Estados Unidos em toda América Latina. A Aliança para o Progresso e a Guerra Fria denunciavam a presença e a hegemonia dos Estados Unidos. As diferentes visões políticas desse processo propiciavam a multiplicação e o fracionamento das correntes políticas que atuavam nas sociedades nacionais e fosse por adesão ao imperialismo americano ou fosse pela contestação à presença Norte Americana no continente, os embates se acirraram. A contestação, obviamente pela esquerda, aconteceu através das organizações que existiam nas sociedades e que vinham da organização dos partidos comunistas, ainda que sob hegemonia do Partido Comunista Russo. Mas formaram-se as dissidências porque na hora de interpretar esse processo e articular posições políticas as divergências multiplicavam-se e sempre em função das estratégias traçadas. Tiveram curso as divisões e surgiram as diversas orientações: linha chinesa, a linha cubana com Fidel Castro... , o monolitismo dos partidos comunistas da época seguia sendo quebrado em não se sabe quantas divisões. Então em 68 nós temos um movimento de esquerda com muitas dissidências que converge numa luta de contestação geral. Ela é mundial primeiro, porque a luta operária desde o século dezenove acumulou um enorme potencial de radicalidade veiculado, quase sempre, através de organizações operárias que tinham como modelo às revoluções acontecidas naquele século. Segundo, o século vinte

alimentou essas posições através da crítica à exploração capitalista, à industrialização e aos projetos nacionais num movimento que foi além do núcleo do sistema. De tal forma que a partir de um certo ponto a crítica à sociedade capitalista e burguesa vinha da arte, da filosofia, da política enfim, das humanidades. Tratou-se de uma convergência histórica de enorme significado, capaz de definir o perfil do intelectual da época. Mas é essencial não esquecer que o capitalismo como formação social, nesse intercurso, foi constituindo uma base internacional de operações redefinida pela hegemonia americana, e isso não é brincadeira.

A esquerda estruturada dos anos 20 até o pós-guerra passou por esse fracionamento e iria questionar não só o imperialismo, mas a sociedade como um todo numa fase da descolonização da África, da Guerra Fria e da guerra do Vietnã.

É necessário ainda afirmar que os limites para os projetos nacionalistas ficavam mais claros à medida que o imperialismo promovia ações concertadas em todo o continente.

Daí para frente, nós entramos numa outra situação. Na minha universidade acabou a cátedra, esta que era o domínio vitalício de uma posição que era científica, mas também política. Isto significava que tinham forças que faziam críticas e que propunham uma outra coisa. Mas a história tem sempre vários caminhos. Não foram as posições críticas que acabaram com a cátedra. Chega ser surpreendente o fato de que nós lutamos contra a cátedra, fizemos a mobilização, mas foi a mudança do perfil institucional da Universidade que passou a não comportá-la mais. E, o fundamento lógico dessa mudança estava na necessidade de superar a negatividade implícita na hierarquia e imobilidade, que são sua essência. Era o fim do ensino estamental através de estruturas de grande permanência e duração, tido como estritamente acadêmico ou bacharelesco, de pouca mobilidade que começou ser posto em questão (Relatório Meira Mattos) face às demandas que a modernização pela indústria exigia. Nesse sentido a presença norte americana, neste caso através do acordo MEC-USAID, a quem interessava que a universidade formasse mais rapidamente seus

estudantes e, sobretudo nas áreas técnicas, foi o motor da mudança. Atualmente, caminha-se no sentido da privatização. Mas então, vale lembrar tudo isto para contar que existiu um projeto de sociedade autônoma inteira, com uma universidade que tinha a função de ser a *consciência crítica* da sociedade e na qual as pessoas que estavam envolvidas assumiam isso, davam a vida por isso. Resultou que, vive-se o empresariamento das ações e dos projetos em função de uma contabilidade de custos. E, agora, a negatividade da Universidade democrática é apresentada pelos limites do Estado provedor, em plena crise do Keynesianismo, mas cuja positividade, garantem os *managers* será, por suposto, encontrada na organização empresarial do ensino superior.

Nos anos sessenta, setenta a Faculdade de Filosofia esteve no centro do movimento intelectual de São Paulo. Muito daquilo que acontecia na Filosofia fazia girar o pensamento e as mobilizações sociais em áreas importantes da opinião e da política. A expressão pública da então Faculdade de Filosofia Ciências e Letras estava lastreada na formação e na consciência social dos seus integrantes. Acabei vivendo cada coisa! É difícil olhar para trás. Tem muita coisa que a gente devia recolher mais positivamente. Mas cada um recolhe o que pode e como pode, não?

**Geosul:** Essa foi sua vivência como estudante, e quando entra na USP como professora?

**Profa. Odette:** Demorei muito. Nunca foi meu objetivo estrito ser professora na Universidade. Não me empenhava nessa direção. Trabalhei e estudei porque queria estar em contato com quem estudasse, essa sempre foi uma grande motivação. Dediquei-me à política dando aulas no Sindicato dos Bancários de São Paulo, tanto que de noite e de dia fazia política.

Depois, quando ainda não tinha me formado fui convidada para um projeto de pesquisa e de um dia para o outro me tornei funcionário público. Trabalhei na Secretaria da Fazenda e depois na Secretaria do Planejamento, como auxiliar de análise econômica. Atividade que, na prática, consistia em manipular uma quantidade grande de

informações e em executar uma cartografia geográfica das informações. Estava começando fazer Geografia. Bem depois, quando já tinha me formado, cursei na Faculdade de Economia e Administração, em nível de especialização, Economia Urbana e Planejamento Regional, eram 20 alunos com bolsa do Banco Interamericano.

Conseguí dispensa no trabalho e fiz um curso em tempo integral: das oito às dezoito horas. Durante um ano estudei os percursos da escola alemã, com base em Weber, Christaller e depois, sobre a economia espacial adentramos pelos anglosaxões. Neste curso ganhei uma bolsa para a França, mas no dia em que apresentei a monografia perdi a bolsa. Estavam lá todos os representantes do curso quando apresentei meu estudo e o situei no plano das idéias. Como acreditavam que eu tivesse feito um trabalho sobre uma matriz insumo-produto da região do vale do Paraíba em São Paulo que, supostamente, seria o desejável, esse estudo não respondia a expectativa. Em contrapartida fiz uma crítica dos vários modelos embora tenha perdido a bolsa. Não ia virar uma burocrata, pensava eu naquela época. Voltei para o meu serviço. Mas logo depois vi que tinha um concurso para o Departamento de Geografia.

Fiz inscrição, seleção e fiquei em segundo lugar.

Manoel Seabra, meu marido, não aprovou, em princípio, o fato de ter-me inscrito para trabalhar no Departamento de Geografia. Talvez tenha se acostumado com esse fato porque por mais de vinte anos trabalhamos juntos!

Contudo, só fui contratada para exercer as funções docentes cinco anos depois do referido concurso quando se consumou o processo conhecido por triagem ideológica que não vou descrever porque está documentado no Livro Negro da USP e publicado pela Associação dos Docentes. A Associação querendo expressar-se politicamente, contra uma situação que envolvia vários professores, denunciou a presença dos órgãos de repressão na universidade e interpelou a Reitoria sobre esse assunto. Mas foi só em 1978, lembro-me bem, que num certo dia o professor Pasquale Petrone disse-me para arrumar os meus documentos porque viria a

anistia e então, seria eu, contratada. Vejam só fui anistiada sem ter passado por processo algum. E só saiu no final de 80 a minha contratação. Estou no Departamento de Geografia como docente há 24 anos. Como se vê não existe nenhuma linearidade pressuposta quando se fala da vida.

**Geosul:** Então você entra logo após ter feito o mestrado com uma dissertação com o título “A muralha que cerca o mar: uma modalidade de uso do solo urbano”. O que você trabalhou?

**Profa. Odette:** Eram as produções imobiliárias na orla de Santos. Para aquela época a palavra verticalização não existia. Comecei a estudar isto quando ainda trabalhava no serviço público. A orla de Santos é muito bonita e ali tem um acúmulo de riqueza que vem desde a cafeicultura. Creio ter sido esse o primeiro estudo sobre esta questão, com esse enfoque. A Geografia tem um campo muito interessante que exige compreender a generalidade dos processos para poder ligá-los com as suas manifestações específicas. Camboriú como Santos, tem um tempo histórico entre eles, mas são os mesmos processos que, se vistos nas suas metamorfoses, explicam as estratégias reprodutivas do capital. Trata-se da produção do espaço como um processo que mobiliza a propriedade territorial urbana para inseri-la nos circuitos do valor a partir da produção imobiliária. E, inclusive, de produzir a necessidade desses bens.

A questão teórica era a de compreender a capitalização no setor imobiliário que aparecia como alternativa para investimentos que migraram de outros setores da economia para a produção da segunda residência em Santos, ou seja, o apartamento de fim de semana. São Paulo dos anos cinquenta vive os impulsos do desenvolvimentismo como filosofia política, do que resultava a reestruturação das classes médias urbanas com redefinição dos sistemas de necessidades, nos quais se incluía o automóvel, o uso da praia e o lazer.

**Geosul:** Imagino que no tempo que você fez a graduação estudou pelos manuais franceses; depois na economia estudou os manuais anglo-saxônicos. Na Geografia também existiu esta passagem dos manuais franceses para os anglo-saxônicos da graduação para o mestrado?

**Profa. Odette:** Sim, estudávamos nos manuais franceses e foi necessário ler em língua inglesa. Mas na economia surpreendi-me. Nunca pensei que existissem condições tão boas para estudar. Tínhamos, inclusive, um professor de inglês para quem quisesse. Os livros eram separados na biblioteca da economia, com uma bibliotecária para encaminhar nossas demandas. Nesta época não havia xerox e a organização para a circulação dos livros era uma maravilha. E ainda ganhava-se uma boa bolsa.

**Geosul:** Isto é meio tradição da Faculdade de Economia e Administração da USP.

**Profa. Odette:** Tradição não, é um negócio; até os estudantes costumam denominá-la shopping da USP. Nessa época tive mais de um convite para fazer o mestrado. Mas já tinha um mestrado começado com a Professora Léa Goldenstein, acho que desde 1972. Então voltar para a Geografia foi muito bom, porque na economia eu era sempre de outro lugar. Nesta época a nossa leitura já era crítica, não era a mesma leitura da graduação esta que, por sinal já refletia criticamente sobre a Geografia clássica. Lembro-me que a biblioteca da AGB era um lugar especial para mim por causa dos periódicos mantidos pelo sistema de intercambio com instituições de Geografia de todo mundo. Lembro-me quando comecei a ler as revistas do Instituto de Arquitetura de Paris, e descobri um trabalho do Alain Juillet no número 1 ou 2. Que surpresa, pois era aquilo que eu gostaria de ter feito quando quis criticar os modelos de urbanização na economia. Ele faz uma abordagem teórica dos modelos de urbanização, notadamente da recuperação das teorias econômicas-espaciais, que visaram discutir a valorização do solo urbano (preço da terra) em relação às modalidades de uso, no caso o uso residencial. Foi nesse sentido

que ele expôs e discutiu os modelos de Rene Marek, William Alonso, Rene Mayer, para propor que o fundamental era saber considerar a existência de um tributo fundiário urbano que a sociedade toda paga e que é canalizado na formação do circuito mobiliário urbano do capital.

Entendia ser este o fundamento da formação desse circuito. Sem este fundamento fica-se na descrição formal das coisas. Numa ocasião, quando a Professora Léa Goldenstein foi a Paris pedi a ela que me trouxesse uma referência bibliográfica indicada nesse mesmo artigo. Foi então que constatei a reprodução da estrutura do artigo no livro e descobri que o Alain Lipietz tinha feito o artigo da revista, como Alain Juillet, por questões de militância política. Certa vez, como diretora da sessão São Paulo da AGB, fui apresentá-lo no anfiteatro, na USP em uma palestra e contei isso. Ele riu muito! Afinal até que eu soubesse que se tratava da mesma pessoa indagava sobre quem copiou de quem! Hoje em dia olho esta minha dissertação de mestrado e penso que de lá prá cá, ou seja, décadas de oitenta e noventa, conquistamos uma abordagem mais acurada desses fenômenos. Vale nesse sentido para exemplificar essa observação, a constatação de que a propriedade imobiliária movê-se! E que bom, já podemos discutir as circunstâncias dessa mobilidade que é estrutural e conjuntural ao mesmo tempo. Naquela época tínhamos um pensamento muito estrutural. Fiz uma abordagem dos moradores da orla de Santos entrando de apartamento em apartamento, claro que com amostragem, conversando com as pessoas, mas não sabia o que fazer com este material porque na estrutura quase não cabia o âmbito do vivido.

**Geosul:** Mas sua dissertação tem sido uma referência quando se estuda a valorização do litoral paulista que é uma leitura diferente do que se tinha anteriormente.

**Profa. Odette:** Sim, tenho consciência disso. Mas hoje em dia, felizmente, pode-se vê-la criticamente.

**Geosul:** Na época a palavra verticalização não era utilizada, mas você trata disto neste estudo sobre Santos e também no doutorado, sobre as mudanças nas margens do Tietê-Pinheiros.

**Profa. Odette:** Mas aí é o método que interessa pelas suas relações com o objeto; em princípio, interessava muito menos o objeto. Quando terminei o mestrado estava firmemente interessada em continuar pensando o processo de valorização do espaço e a Geografia. Podia até ser qualquer objeto. O estudo de Santos permitiu pensar que há um processo de valorização do espaço a nível local que é também de ordem geral. Pois é, necessariamente, função do desenvolvimento das formas da riqueza. Por isso cada lugar específico configura uma problemática própria que não é independente do processo de ordem geral.

Cheguei a pensar que seria bom estudar as formas como estava sendo valorizada para uso, naquela época, a Serra do Mar entre São Paulo e Santos. Essa idéia não vingou. Comecei, então, um estudo sobre o processo de valorização dos rios e das várzeas de São Paulo, notadamente os rios Pinheiros e Tietê, que foi meu doutoramento; esses rios foram transformados tanto para a montagem do sistema hidrelétrico de São Paulo, como para liberar os terrenos aluviais para usos urbanos.

**Geosul:** E a Professora Léa Goldenstein foi sua orientadora no mestrado e no doutorado...

**Profa. Odette:** Sim, e para minha grande honra esteve também agora na minha banca de Livre-Docência. Foi uma felicidade enorme.

**Geosul:** E quando foi sua aproximação com ela?

**Profa. Odette:-** Foi no curso de graduação em Geografia; ela sempre teve uma atitude politicamente correta numa época que não era fácil manter posições. Partilhava dessa opinião um grupo grande de estudantes, àquela época. Hoje essa expressão (politicamente correto) está esvaziada de sentido, mas não foi

sempre assim. Aliás, a banalização da política, no que se conta o papel das mídias, é um problema grave e atual.

**Geosul:** Que outros professores teve na USP, além da professora Léa, e do professor Petrone.

**Profa. Odette:** O Professor José Pereira de Queiroz Netto. Ensinava pedologia. Sempre foi uma pessoa de expressão pública, sempre contamos com sua inteligência e sua disposição. Quando do assassinato do Chico Mendes, estávamos na diretoria da sessão São Paulo da AGB e tínhamos uma fita de vídeo que fora gravada com o Chico um pouco antes do incidente. Lembro-me de ter procurado o Prof. Queiroz para irmos ao Jornal Folha de São Paulo tentar organizar um debate sobre a questão dos seringueiros do Acre, vender a fita e fazer dinheiro para a causa dos seringueiros. Também na época em que ele fora Presidente da SBPC, integrei o Conselho Regional da Entidade e tivemos algumas atuações naquele fórum.

Tem uma pessoa que embora tenha quase a minha idade, talvez um pouco mais, foi muito importante, é o Nelson de La Corte, não sei se vocês conhecem porque ele se retirou muito cedo da academia. Ele foi muito importante para a minha geração e até para a anterior; simplesmente brilhante. Dava aulas de Geografia Regional e os cursos que deu sobre regionalização do espaço, sobre os Estados Unidos foram excepcionais.

**Geosul:** E por que ele se retirou cedo?

**Profa. Odette:** Ele ficou meio chateado, pois teve um problema de reconhecimento do título por questões de prazo. Não sei se vocês sabem que, naquela época, não tinha pós-graduação como se tem hoje. A pós-graduação no modelo que conhecemos, organizada a nível nacional, foi sendo construída nestes últimos vinte anos. Só fazia pós-graduação alguns poucos professores; certo é que os da casa faziam num esquema que, creio, era interno à Universidade. A reforma universitária de 1969, redefiniu a carreira docente, institucionalizou a pós-graduação, instaurou os cursos semestrais e

o sistema de créditos, entre outras coisas, visando a generalização do ensino superior no País. A universidade hoje está inserida numa lógica de produtividade que ameaça os valores mais fundos da instituição.

Foi em 1971 ou 1972, que começou a implantação do sistema orientado pelo MEC. A institucionalização das práticas se instaura aos poucos, às vezes nem se percebe. A modernização das estruturas é necessária, mas o problema é que a lógica do processo ganha certa autonomia. Não há como barrá-la embora tenha até havido alguma discussão.

**Geosul:** Era um projeto acadêmico a longo prazo...

**Profa. Odette:** Tratava-se, como tento argumentar, de reformar a universidade brasileira e centralizar o processo de formação dos quadros superiores no país. Nesse processo houve expansão da universidade e se formaram muitas universidades federais.

Contudo recorro-me de indagar aos meus colegas porque implantar o sistema dessa forma. Quando se institucionaliza começa a história da métrica, do valor e do tempo, do aprofundamento da divisão do trabalho. Mas também não era bom daquele jeito. Uma sociedade que se pretende moderna e democrática não pode carregar o estamento. Se bem que a Inglaterra carrega Cambridge, e sobre isso se pode, pelo menos, pensar que são parte das *idiosincrasias* que, nestes países, suficientemente ricos são cultivadas como uma memória viva. Podem ter até monarquia! Houve um tempo que a universidade tinha que se transformar e nesta transformação é que ocorreu a multiplicação de cursos, novas especialidades, a montagem da pós-graduação; mas a gente não pode perder a perspectiva crítica. Senão, em pouquíssimo tempo se instrumentaliza tudo, perde-se a visão da história; aí será consumida a essência da universidade. É muito difícil o nosso papel, porque teríamos que ver o que preservar e como preservar. O tempo inteiro estas questões têm que estar presentes.

**Geosul:** Voltando para a sua trajetória sempre com a preocupação com a construção de uma teoria sobre o espaço, teve um evento chamado Filosofia e Geografia, em 1983, organizado pelo Armando Corrêa da Silva e pelo professor Milton Santos, com o apoio da AGB, no Rio de Janeiro. Como foi sua participação ?

**Profa. Odette:** O Armando sempre dizia que eu era muito taxativa. Assim mesmo convidou-me para esse evento. Acho que ele tinha razão. Ele era uma pessoa muito boa. O Professor Milton, num certo momento da reunião, chamou Cláudio Egler para falar sobre os pólos de desenvolvimento, as teorias de Perroux e Boudeville, e pediu-me, em seguida, que formulasse uma crítica a propósito dos temas tratados. Fiz a tal crítica, pois havia estudado todos esses modelos, sem muito problema.

Foi esta a minha participação e eu nunca esqueci porque foi uma provocação, com bom sentido, do Professor Milton. Bem depois, pelo ano 2000, aconteceu um problema. O Milton fez um manifesto e trouxe aqui para Santa Catarina, no Encontro Nacional de Geografia, mas parece que ninguém discutiu. Depois de alguns dias o Professor Armén perguntou-me sobre a leitura do manifesto do Milton. Disse-lhe que não o conhecia e que não tinha ido a Santa Catarina. Ele pediu-me que o lesse para fazer um debate. No tal dia marcado fui lá no anfiteatro e ainda bem que não estava sozinha, pois na mesa estavam outros cinco professores. A primeira pessoa que falou teceu considerações elogiosas, porém gerais. Mas eu não elogiei. Apenas disse aquilo que me movia à leitura. E não foi bom. A confusão foi grande! Eu sempre gostei do Milton, uma pessoa inteligente, todo mundo gostava dele e não é porque ele morreu que eu estou dizendo isto. Naquele dia o Milton já estava doente, ele ficou tão nervoso que levantou a bengala e xingou todos nós. Ai eu entendi que não era para discutir o texto, que aquela oportunidade deveria proporcionar-lhe uma presença pública. Mas o Armén tinha que ter dito isso. Se o tivesse feito cada um decidiria sobre sua participação. Foi, pode-se dizer, no mínimo, muito desagradável. O Professor Milton gostava de conversar, procurava interlocutores, era uma pessoa muito rica de

expressão. Mas o que eu pensava sobre o objeto da discussão, continuo pensando. Vejam, D. Harvey escreveu no livro *Justiça Social e a Cidade*, de 1975, acho que no quinto capítulo, bem na época em que ele estava deixando de ser marginalista, que “a geografia ocupou-se, até o presente, do uso; ela precisa ocupar-se dos valores de troca”. O valor de uso é a antítese do valor de troca, é isto que ele queria dizer. E isto está muito presente para mim, não fosse por essa razão ainda tinha o fato de ter-me ocupado à vida toda de estudar a valorização do espaço, como já disse. Na apreciação que fiz naquele dia disse somente que se for para discutir o uso, você não pode cair na Geografia tradicional, porque isto ela sempre fez. Então seria necessário colocar um horizonte de tempo: território usável, território usado, território possível. Dar lugar para as estratégias.

**Geosul:** Uma curiosidade: vocês liam Milton Santos na graduação?

**Profa. Odette:** Não. Eu li um livro dele na economia “As cidades nos países sub-desenvolvidos”. E depois lia os seus trabalhos no Boletim Paulista de Geografia.

**Geosul:** Mas lá na USP naquele tempo tinha o Aziz, o Aroldo de Azevedo...

**Profa. Odette:** Claro. Estas pessoas estavam lá. O Aroldo de Azevedo foi muito importante no ensino médio. Muita gente estudou nos seus livros de ginásio e de colégio; mas dentro da USP quando entrei, ele estava saindo. Não percebia a importância que por certo terá tido. O professor Aziz era uma pessoa que trabalhava de domingo a domingo, ele é um cientista. Depois chegou o Carlos Augusto, que é muito interessante. Aliás, é sempre interessante uma pessoa que sabe o que faz, não é?

**Geosul:** Como você compara a Geografia uspiana com os outros centros de formação do país?

**Profa. Odette:** Nunca parei para pensar nisto. Mas eu sempre achei que o povo do Rio de Janeiro é muito bem preparado, mesmo

quando a Geografia da USP era muito diferente da do Rio de Janeiro, como por exemplo, quando o Geiger no IBGE trabalhava com aquelas regionalizações era de muito bom nível. Os trabalhos da Fani Davidovich, também, da Bertha. E o querido Manoel no nordeste. Felizmente despontam novas frentes, com novos pesquisadores, em outras localidades. Tanto que o próximo encontro de Geografia Urbana é em Manaus.

**Geosul:** Mas voltando a AGB, como se deu sua aproximação com a AGB?

**Profa. Odette:** No dia que eu entrei na faculdade, entrei de sócia da AGB, e nunca mais saí. Acho que é de uma riqueza extraordinária. Já mencionei a biblioteca da AGB, fruto de trabalho voluntário de várias gerações de geógrafos que organizaram o sistema de intercâmbio e a produção do Boletim Paulista de Geografia. Parece que é a única biblioteca do Brasil especializada em periódicos. Tem algo de lúdico percorrer aquelas publicações dos mais recônditos lugares. A motivação da Geografia está nos periódicos. Vale registrar que o acervo está sendo informatizado no presente. Além disso, a sede da AGB é um lugar importante de encontro de pessoas e de reunião.

**Geosul:** E quais foram seus passos até chegar na diretoria?

**Profa. Odette:** Fui do departamento cultural, da comissão de urbana, diretora da seção local, organizei eventos de professores, nunca sozinha. Em São Paulo as coisas vão acontecendo. É sempre meio junto que se fazem coisas acontecer.

Mas tentando explicar como cheguei a presidência da entidade devo dizer-lhe que foi muito simples. Estando presente em Curitiba acabei envolvendo-me bastante no Congresso, esse sempre foi o meu feitio. Lembro-me que me fora pedido, naquela oportunidade, para apresentar um trabalho sobre a obra de Henri Lefebvre, leitura que estava fazendo obstinadamente àquela época. Essa apresentação está publicada no Boletim Paulista de Geografia sob o título: O pensamento de H. Lefebvre e a Geografia.

A expressão pública dessas participações, creio eu, levaram-me à diretoria. Mas algo de específico aconteceu em Curitiba, quero dizer específico, mas não inédito: não tinha ninguém para ser presidente, fui eleita pela assembléia naqueles derradeiros minutos que encerravam o Congresso. Infelizmente não foi por ter defendido alguma bandeira que promovesse a Geografia. Mas fizemos tudo para dar conta. E, antes de tudo, o principal é que éramos um grupo de colegas geógrafos que solidariamente nos empenhamos nesse mandato. Por dois anos a seção São Paulo da AGB foi extensão da casa de todos nós. Essa mesma assembléia resolveu que no próximo congresso homenagearíamos o Professor Manoel Correia de Andrade. Então, entre todas as atividades, passamos dois anos articulando nossa presença no Recife. Convidamos o Prof. José de Souza Martins para fazer-lhe homenagem porque havia dito, até mais de uma vez, que o Prof. Manoel Correia era quem conhecia melhor o Brasil. Foi muito bom. Nessa gestão conhecemos muitas pessoas. A discussão política na entidade tornou-se mais clara e a AGB foi ampliando sua base de atuação a nível nacional, sendo capaz de reunir expressivos contingentes com uma função político-pedagógica-cultural cada vez mais expressiva.

**Geosul:** E sua participação na presidência também decorreu das inovações da AGB depois de Fortaleza?

**Profa. Odette:** Tudo que aconteceu na AGB depois de 1978 está de uma forma ou de outra, integrado às inovações aqui sugeridas. Para começar eu nem fui a Fortaleza. A crítica e a reforma que foram feitas na AGB tem a ver com o vínculo com a universidade, porém mais precisamente com a ampliação da base estudantil, ávida de integrar as estruturas da associação.

Tem um estudo que Manoel Seabra realizou, há pouco tempo, e que está publicado na Terra Livre (último número), reconstituindo a formação da AGB em 1934 e no qual ele recupera e apresenta o estímulo intelectual dos nossos primeiros geógrafos no esforço para criar a Entidade. Era uma época na qual as associações

científicas cumpriam a finalidade de reunir estudos e propor a troca de idéias. Foi durante os anos trinta que as associações científicas começavam ser formadas em São Paulo.

Até, o presente, em São Paulo, a AGB ocupa um lugar dentro do Departamento de Geografia da USP, e quase sempre as direções do Departamento, por vezes de modo velado outras vezes nem tanto, contestam isto. A universidade não quer carregar o ônus de ter uma Associação localizada dentro dela, inclusive porque, em curto prazo, tudo tende a transformar-se numa questão de falta de espaço.

**Geosul:** Mas a universidade também se alimenta da AGB, como do acervo...

**Profa. Odette:** Sobre essa história da forte relação Departamento com a AGB, devo dizer que ela já foi até mais intensa do que é agora. Mas de um modo geral, pelo momento, há quase uma troca consciente. Digo quase porque nem todos os professores concordariam comigo. Muitos já nem percebem essa relação.

De 78 para cá a AGB passa por um processo que atingiu e está atingindo a sociedade brasileira desde de 60, que é um encontro difícil das massas que pressionam as elites, no processo de formação desta sociedade de perfil predominantemente urbano. Nossa entidade foi reunindo cada vez mais professores de Geografia e tornando-se uma entidade de massas, pois reúne, facilmente, de dois a três mil pessoas.

No processo de configuração desta sociedade urbana capitalista, as elites patrimonialistas estão sendo deslocadas, isso é uma coisa que vem de longe. É certo que ela prefere *perder os anéis a perder os dedos*. Por isso associa-se ao capital internacional e compromete qualquer projeto nacional de desenvolvimento como assistimos no presente. Em pouco tempo o Brasil tornou-se uma sociedade de massas urbanas proletarizadas ou em vias de proletarização.

Do ponto de vista do Departamento, creio, a questão da massa de professores que precisam de sede e de reunião não lhe diz,

imediatamente respeito. Mas a biblioteca que a AGB tem, sim, lhe diz respeito. Por isso as coisas seguem ainda assim por um tempo.

**Geosul:** A elite da Geografia não está sossegada?

**Profa. Odette:** Nenhuma. Tem uma generalização de fenômenos que não deixa nenhuma estrutura de mando, ou elite, sossegada.

**Geosul:** Quando você estava à frente da homenagem ao Manoel Correia se aproximou mais deste e também de José de Souza Martins, que é um grande divulgador das idéias do Lefebvre para a Geografia urbana. Comente um pouco as influências do Lefebvre e do José de Souza Martins na Geografia da USP.

**Profa. Odette:** Não, para minha felicidade já podia desfrutar da presença de ambos. E, uma coisa é o José de Souza Martins e outra é o Lefebvre. José de Souza Martins é uma pessoa que estuda muito e tem atuado em muitas frentes. Ele tem uma presença intelectual em diversos assuntos. Não é nenhum divulgador de idéias de Lefebvre para a Geografia. Aliás, ele não tem nada a ver com a Geografia.

O estudo sobre a obra de Henri Lefebvre que reuniu um grupo de intelectuais, por certo tempo, aconteceu na seqüência de um trabalho importante que foram os seminários do Capital. Ai, sim, foram anos e anos discutindo as obras clássicas e aquelas tidas como de juventude de Marx. Participei desses estudos por 13 anos. Quando começamos ler Lefebvre, por inspiração desse grupo, alguns trabalhos de divulgação já circulavam entre nós. Por exemplo, quando escrevi o trabalho sobre Santos 1979, lia *O Direito à Cidade*, tanto que a epígrafe desse texto é de H. Lefebvre. Só depois disso é que comecei participar do grupo. O texto é de 1979 e entrei no grupo em 1980. Portanto pode haver um certo equívoco na formulação que acredita ter sido o Professor Martins portador de Lefebvre para a Geografia urbana de São Paulo. Com ou sem Martins chegaríamos ao Lefebvre. Afinal, não precisamos disso, somos todos intelectuais e responsáveis por nossas posições, nossos caminhos, não?

Para nós a busca de Lefebvre deu-se na tentativa de atualizar o pensamento marxista, pois que trata-se de um pensamento e de uma prática que atravessou todos os episódios dramáticos do século XX; tomou posição, foi discriminado, deu uma contribuição importante para compreender a nossa época. Principalmente no que concerne a sua visão totalizadora da sociedade e da política no processo de urbanização da sociedade. Sem contar a sua extraordinária reflexão sobre a produção do espaço e sobre o cotidiano, enquanto momentos da totalidade do processo social.

**Geosul:** Como era este grupo de estudos? Quem é que estava?

**Profa. Odette:** Depois que terminei o mestrado, como todo mundo, cheio de dificuldades, procurei o Professor Martins, que a essa altura era apenas bibliografia para mim. Integrei-me ao grupo que se reunia todas às sextas feiras pela manhã ao longo de um semestre. A idéia era que durante um semestre estudássemos e no outro fariamos pesquisa. Era uma sala enorme, cheia de gente. Havia estudantes dos diversos cursos da nossa Faculdade e de outras faculdades também. Lembro-me de pessoas que viajavam de ônibus a noite toda para participar dos seminários. Lá em casa nós recebemos para dormir, durante muito tempo, um professor que vinha de Mato Grosso para o seminário. Era ainda uma época que vivíamos o rescaldo da repressão. Era sempre assim: duas pessoas liam o texto e tinham que problematizar. Todos participavam. Aprendemos muitas coisas com ele.

Hoje em dia há uma recusa ao materialismo, ao marxismo em nome da exacerbação do eu que faz muitos estudantes pararem na expressão fenomênica do mundo. E também as circunstâncias que nos impinge uma economia simbólica da sociedade que conduz outros tantos a exercitar o conhecimento através das metáforas do mundo, tal como acontece com essa explosão que está sendo denominada Geografia Cultural.

**Geosul:** Nos últimos tempos a Geografia está sendo mais reconhecida...

**Profa. Odette:** Neste sentido o trabalho do Professor Milton, que eu mesmo não conheço todo, mas principalmente pela militância do Milton, foi muito importante. Devemos muito a ele como desbravador de fronteiras. Ele veio com o estruturalismo francês, mas foi à frente, deu um passo a mais. Ele nunca parou de estudar. E chegou no livro “A Natureza do Espaço”, que é uma coisa muito boa.

**Geosul:** Que é a síntese da obra dele.

**Profa. Odette:** Eu não sinto assim. Eu sinto que é a maturidade dele. Na obra dele geralmente a gente se perde em alguns pedaços; mas quando chega neste livro ele soma muitas coisas, como por exemplo a filosofia e superou o estruturalismo.

**Geosul:** Desde quando eu o conheci, primeiro na UFRJ, depois quando foi para a USP, o que me impressionava era a atitude dele em reivindicar o espaço como instância da sociedade.

**Profa. Odette:** Naqueles salões enormes da SBPC, pelos anos oitenta, ele reivindicava isto, mas nem sempre conseguia convencer todo mundo. Era uma militância dele.

A sociedade em geral pode não estar entendendo essa mensagem da Geografia, mas é tão contundente a questão da territorialização das práticas que vai acabar entendendo!

Do ponto de vista dos meus estudos tem uma obra que é capital neste sentido, é “A produção do espaço”. Os americanos, segundo E. Soja, usam-na comumente para presentear os alunos por ocasião da matrícula no curso de Geografia, no início do período letivo.

É uma obra difícil, chega ser ontológica (a demonstração de uma essência) e teórica, propondo-se uma abordagem sócio-espacial dos processos.

**Geosul:** Mas por que o Lefebvre só é muito estudado na geografia uspiana?

**Profa. Odette:** H. Lefebvre não é geógrafo, é um filósofo. Suas obras interessam a problemática do século vinte exatamente porque praticou aquilo que denominava metafilosofia, problematizava o presente, segundo o ponto de vista de um intelectual engajado. Está muito longe de ser de fácil leitura. Depois, ele não é didático, não faz Geografia. É preciso uma motivação a mais, *um plus*, para enveredar por esse caminho. Como disse, nos enveredamos nesse estudo na seqüência dos estudos do capital. É a partir desse trabalho que começou, para consumo doméstico se é que se pode assim dizer, a discussão e o estudo dos seus textos.

**Geosul:** Mas tem um grupo com a Ester Limonad, Roberto Montemor, de Minas Gerais, que sistematicamente, nos encontros da ANPUR, têm feito seções livres para discutir a obra do Lefebvre. Na última saiu um CD com o conjunto dos trabalhos e vai ter agora de novo em Salvador. Não sei se a matriz é uspiana...

**Profa. Odette:** Participo, com alguns colegas, como sócia correspondente da associação “La somme et le reste”, com centro em Paris, destinada a tratar desse legado que tem pelo menos setenta livros e inúmeros artigos, além de documentos diversos. O objetivo é reunir trabalhos, discutir as reedições. Enfim a forma como algumas coisas podem continuar.

Tivemos uma reunião que foi interessante porque está começando a aparecer no Brasil outros grupos. Nós temos uma revista on-line, já faz algum tempo, que tem o mesmo nome da associação. E creio que estes grupos se devem também a tradução de alguns livros.

Lefebvre, em viagem à Nova York conheceu Otávio Paz. E ao que consta ficou muitíssimo influenciado por ele. Tanto que, ao publicar *Presença e Ausência*, introduz seu texto com a carta que escrevera para Otávio Paz, em viagem de volta dos Estados Unidos, e jamais lhe endereçara.

Esta carta é uma obra muito sensível. Neste livro está exercitada a teoria das representações que, aliás, já norteava a sua discussão

sobre os espaços de representação e as representações de espaço. E é interessante para nós vermos como a representação pode ter uma perspectiva materialista de análise e você não precisar ficar preso ao misticismo ou ao imaginário sem raízes. Este livro é importante porque ele faz a ligação de um pensamento materialista com a subjetividade das práticas.

Valho-me dessa leitura em um pequeno trabalho que escrevi sobre São Paulo, no livro “Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole”. Estou sustentando que São Paulo foi uma cidade de bairros até a formação das enormes periferias que resultavam da concentração e fragmentação do espaço urbano.

A metamorfose da forma urbana traduz passagem das práticas de espaço para as representações ideológicas das práticas. As representações indicam ausências. Por exemplo, a representação da italianidade do bairro do Brás não resistiria ao menor exame. No entanto ela está lá nas manchetes, através das cantinas. Isto é a representação social de um bairro guardada nas idéias, porque tem uma base histórica e real que depois, bem depois, pode ser, como freqüentemente é, reintroduzida na prática social como portadora de discurso.

A representação social, como produtora de relações, objetiva-se em segundo grau. Creio que Lefebvre elaborou uma boa fundamentação. Mas temos que aprender muito ainda; a filosofia é fundamental. Ela dá a estrutura de pensamento. As nossas cabeças estão cheias de teorias, a realidade está aí, precisamos analisar. Temos que lidar com as teorias em verificação com a prática, mas com fundamento que suporte esta relação. Por isso é importante a filosofia.

**Geosul:** Agora neste congresso que acabou de acontecer em São Paulo, Encontro de Geógrafos da América Latina, você defendia uma tese de que em São Paulo estaria havendo um aumento na distância entre legalidade e ilegalidade. Isto é objeto de sua pesquisa?

**Profa. Odette:** Não, é uma constatação, que é fruto do meu estudo de bairros. O esvaziamento das áreas centrais foi estudado a partir de Chicago, mas no caso de São Paulo é assombroso, porque compreende toda a área inscrita pelos núcleos de povoados antigos, de um lado a outro. De Penha a Pinheiros, de Santo Amaro a Santana trata-se de toda uma área enorme que perde população. Nela, a propriedade é legalizada, tem o menor número de homicídios, maior escolaridade da população e corresponde exatamente aquilo que compreende à área que identifico como cidade de bairros.

A constatação é de que há mobilidade de populações destas áreas em direção às periferias onde a ilegalidade cresce através das ocupações de terrenos e de imóveis, onde ocorrem os loteamentos clandestinos, onde a mortalidade infantil é mais alta e para atualizar a problemática como convém a esta época, onde o rescaldo negativo do consumo da natureza é enorme. Por enquanto não tem política que dê conta disto! A minha pesquisa para o CNPq está ligada aos investimentos no Tietê, quero tratar da reestruturação da bacia do alto Tietê face aos investimentos recentes que se faz nela pela atuação das multinacionais.

Então o que cresce é a ilegalidade, crescem as relações fora da estrutura jurídica do Estado. A minha apresentação foi neste sentido. Não cresce o emprego legal, as transações imobiliárias, como conjunto, são muito mais ilegais do que legais. Já na década de oitenta, quando esse processo não tinha a expressão que tem hoje, a construção de edifícios, portanto legais, não alcançava a 10% do mercado das habitações. A nossa cidade submergiu ao processo de metropolização.

**Geosul:** Você é casada com um geógrafo que foi professor da USP, como foi pensar a Geografia dentro de casa?

**Profa. Odette:** Não foi. A vida cotidiana é tão dura, que nem passava pela cabeça discutir a Geografia em casa. O Manoel é preparado, sempre achei que ele era mais preparado que eu, ainda bem que isso não me atrapalhou. Não dava tempo. Ele não leu a

minha tese, mas eu também não li as dele. Agora que nós estamos mais velhos, que não tem mais filhos em casa, resolvi em 2003 que ia apresentar a minha livre-docência. Reuni meus materiais e, de fato, tinha muita pesquisa. A minha questão era a fragmentação que o processo de urbanização desencadeia. Ainda outra vez valeu-me a estrutura teórica do pensamento de Henri Lefebvre. Afinal, queria estudar a fragmentação a partir do mais elementar e seguir a historicidade do processo indagando sobre o devir da urbanização. Essa é uma questão de método. Então o bairro como nível mas, mais ainda, como uma entidade sócio espacial portadora de uma identidade que lhe é atribuída pelo contexto da cidade, revelou-se como uma unidade fundamental na urbanização; ele é um enraizamento espacial que é a maior territorialidade da família, esta que se reproduz inserindo cada um dos seus membros no mundo do trabalho. Logo, os enraizamentos territoriais que articulam vizinhança, compadrio e parentela tornam-se cada vez mais contingentes.

A metrópole é um espaço de alta densidade técnica, com tendências à homogeneidade funcional, mas, por isso, muito recortado. Resulta que, de modo intersticial, permanecem espaços residuais que guardam uma síntese de diversos tempos sociais e retêm a História inteira com seus impasses e contradições.

Quis reconstituir, a partir do bairro, a industrialização, a presença operária, a modernização, o higienismo, a religião. Nesta pesquisa, surpreendi-me ao constatar que num bairro operário existiam menos operários do que supunha inicialmente. Desde logo foi possível perceber que o urbano criava ocupações, que elas advinham da divisão do trabalho ao nível da sociedade e que, por isso, só alguns eram operários. Foi então que descobri no bairro uma formidável produção de valores de uso dentre os quais contavam-se também a trocas simples, a reciprocidade e as dádivas. Estas práticas garantiam a presença dos operários nas fábricas e das crianças nas escolas. A sociedade se reproduzia com uma integração horizontal, integrando lugares e funções e com uma

integração vertical advinda diretamente da divisão do trabalho na sociedade.

A fragmentação social acompanha o processo da modernidade pela diversificação das funções, das quais resultam os diferentes rendimentos do trabalho e tudo isso ganha materialidade no espaço. De tal forma que a industrialização como processo leva às últimas conseqüências a segregação sócio espacial que lhe é inerente, ao mesmo tempo que vão sendo criadas as estruturas correspondentes a tais divisões e segregações.

Em decorrência, forma-se uma unidade indissolúvel entre a família, o trabalho e o lazer que totaliza as modalidades de uso do tempo no urbano.

Quando, nestes termos, compreendi minha própria pesquisa, tinha muito material, mas faltavam outros tantos. Pedi ajuda ao Manoel sem mesmo conseguir explicar muito o quê queria fazer. Ele foi à Biblioteca Municipal e completou as séries de informações de que já dispunha. Foi então que trabalhou para mim dois meses e meio, de manhã até a noite, fazendo coleta, rearticulando informações.

A questão é que ao longo da pesquisa descobri que o futebol tinha tido uma importância que eu não sabia nas práticas comuns e cotidianas do povo. Tive que apreender a disputa entre as elites e o povo entorno do futebol. A tentativa da igreja de se introduzir nas práticas do futebol fosse introduzindo-o nos colégios católicos, ou cedendo terrenos para os campos que proliferavam em todas as cidades.

Manoel trabalhou bastante, mas nunca leu o que eu escrevi.

**Geosul:** E é interessante também ver que aqui em Santa Catarina o futebol nasce dentro do Colégio Catarinense, e o primeiro time campeão foi de estudantes do Colégio Catarinense.

**Profa. Odette:** Em São Paulo foi interessante porque em 46, com o fim do Estado Novo, a sociedade civil estava inteiramente organizada nos clubes; para esses clubes que se dirigiram os políticos populistas à cata de votos. Cheguei a entrevistar o Professor Pasquale Petrone sobre isso e ele descreveu com ricas

nuances a sua participação nos clubes de bairro de São Paulo. O cotidiano, como uma categoria analítica da modernidade, isto também é do Lefebvre, se estuda pela família, pelo trabalho e pelo lazer; é o que a modernidade instaura como totalidade do processo social.

Voltando ao Manoel, nunca teve muita Geografia em casa, embora por lá tenham circulado muitos geógrafos. Os filhos solicitavam bastante e felizmente pudemos estar muito presentes com eles. O Manoel sempre respeitou a minha condição de professora.

**Geosul:** Agradecemos muito a sua disposição em conceder esta entrevista